



COBERTURA VACINAL E INCIDÊNCIA DA SÍNDROME DA RUBÉOLA CONGÊNITA NO BRASIL NO PERÍODO DE 2017 A 2022

DANIEL GONDIM MALTA; LÍVIA BARBOSA CAVALCANTI; MARIA ALTINA DE ANDRADE BONILLA; DAVI RICARDO SOARES GAMA DE AMORIM; DANIELLE MARIANE GONDIM MALTA

INTRODUÇÃO: O Ministério da Saúde recebeu, em 2015, o certificado de erradicação da rubéola pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Esta doença viral tem importância epidemiológica pela possibilidade de provocar a síndrome da rubéola congênita, que pode atingir o feto ou recém-nascido, causando aborto, natimorto ou malformações congênitas, sendo imprescindível mantê-la erradicada. **OBJETIVOS:** Analisar a incidência de casos da síndrome da rubéola congênita, relacionando-os com a cobertura vacinal no Brasil, no período de 2017 a 2022. **METODOLOGIA:** Estudo transversal, descritivo com abordagem quantitativa, através da coleta de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação e no Sistema de Informação do Programa Nacional de Imunizações, no Tabnet, DATASUS, seguindo as variáveis de casos confirmados de rubéola congênita por ano e cobertura vacinal das duas doses de tríplice viral por ano, no intervalo de 2017-2022. **RESULTADOS:** Constatou-se 28 casos confirmados da síndrome da rubéola congênita entre 2017-2022. Desses, 4 ocorreram em 2017; 3 em 2018; 3 em 2019; 5 em 2020; 8 em 2021 e 5 em 2022. Quanto à cobertura vacinal, os percentuais ficaram abaixo dos 90%, oscilando de 79,59% em 2017; 84,75% em 2018; 87,33% em 2019; 72,57% em 2020; 64,08% em 2021 e 69,17% em 2022. Com base nesses dados, percebe-se que os casos de rubéola congênita são inversamente proporcionais à cobertura vacinal do período. Observa-se também o contraste entre o período pré-pandemia e o período pandêmico. Enquanto entre 2017-2019 pontuava-se um quantitativo menor de casos, com cobertura vacinal entre 80 e 90%, no período entre 2020-2022 ocorreu um maior número de casos e menor cobertura, entre 60 e 72%, evidenciando a relação entre as imunizações e a reincidência da doença. Nesse contexto, comprova-se a necessidade de ampliação da cobertura vacinal e da valorização do Programa Nacional de Imunização. **CONCLUSÃO:** As ocorrências da síndrome da rubéola congênita no Brasil devem-se, provavelmente, a falhas no processo de vacinação, sendo necessários novos estudos e uma avaliação da relação do período da pandemia do COVID-19 com o surgimento de novos casos da síndrome relacionada a uma doença considerada extinta.

Palavras-chave: Rubéola congênita, Cobertura vacinal, Programa nacional de imunização, Datasus, Incidência.